

## **Qual a cor da docência em Jornalismo? Um mapeamento do perfil das professoras amazônidas<sup>1</sup>**

Janaina Lopes de AMORIM<sup>2</sup>

Rosalys de Seixas BRITO<sup>3</sup>

Thaisa BUENO<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Este estudo ancora-se em uma pesquisa de doutorado em andamento sobre a narrativa do percurso e do exercício profissional de mulheres racializadas que atuam na docência em jornalismo na Região Amazônica. Neste artigo, serão apresentados os dados socioeconômicos, fase essencial para interpretar os significados, proporcionar uma análise mais completa, precisa e sensível. Para reunir as informações, foram aplicados questionários eletrônicos por meio do Google Forms, com a participação de 43 interlocutoras, de um total de 84 que compõem o universo da pesquisa. Os dados encontrados já trazem apontamentos importantes, como a presença majoritária de mulheres racializadas neste campo profissional. A proposta parte da urgência de se pensar em um projeto feminista de ciência que evidencie a experiência histórica e cultural e saberes das mulheres das margens (Rago, 2019), reconhecendo suas vivências e o que elas tematizam (França, 2006).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mulheres racializadas. Docência. Jornalismo.

Este artigo trata do perfil de mulheres racializadas que atuam na docência em jornalismo na Amazônia Oriental Brasileira, de acordo com dados socioeconômicos levantados por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e epistemologias antirracistas e afrodiáspóricas na Amazônia, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM/UFMA-Campus Imperatriz). Jornalista pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1190-2547>. E-mail: [jannaina.amorim@gmail.com](mailto:jannaina.amorim@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora associada da Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É uma das líderes do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7102-0293>. E-mail: [rosalysbrito@gmail.com](mailto:rosalysbrito@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora adjunta de Jornalismo na pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA-Campus Imperatriz). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Comunicação) na mesma instituição. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e mestra em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Jornalista pela mesma instituição. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7048-3920> E-mail: [thaisabu@gmail.com](mailto:thaisabu@gmail.com).

pesquisa de doutorado em curso<sup>5</sup>. A pesquisa debruça-se sobre trajetórias e experiências dessas mulheres e, nessa fase de levantamento, propõe-se a conhecer melhor o contexto social em que elas vivem, a partir do qual são produzidas as opiniões das sujeitas.

Entender esse universo é importante porque as mulheres constituem mais da metade (57,8%) da força de trabalho no jornalismo brasileiro. Dentre elas, há franco predomínio de pessoas brancas (67,8%), seguidas de pardas (20,6%). As jornalistas autodeclaradas pretas, em contraponto, são minoria (9,3%), assim como as indígenas (4%) e amarelas (1,3%). Os dados são do Perfil do Jornalista Brasileiro<sup>6</sup>. Nesse universo da atuação profissional no mercado de trabalho em jornalismo, conforme dados da pesquisa, somente 7,4% atuam na docência, sendo a maioria (88%) vinculada a cursos de Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. O relatório não traz informações sobre a diferença de gênero ou raça na docência em jornalismo, mas oferece apontamentos importantes para que se possa inferir algumas configurações sobre o campo de atuação das mulheres nessa área.

Já a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) fez um balanço sobre a participação dos encontros nacionais de pesquisa e apontou que 60% dos participantes têm sido mulheres, sendo que elas são responsáveis por coordenar 20 dos 33 Grupos de Pesquisa, o que mostra que as pesquisadoras não só têm ocupado o espaço, mas também estão em lugares de protagonismo.

No entanto, no geral, ainda há poucos estudos voltados a entender as mulheres e sua atuação na docência, em especial as racializadas, segundo levantamento exploratório realizado para esta pesquisa sobre as produções envolvendo a atuação das mulheres professoras no ensino superior no jornalismo, tendo como foco as abordagens e metodologias. A busca foi guiada por três conjuntos de palavras-chave: "Docência; Jornalismo; Gênero" e "Docência; Mulheres; Jornalismo"; "Mulheres, Ensino Superior, Jornalismo" realizadas nas plataformas da CAPES, Scielo e no Google Acadêmico. O recorte temporal foi de 2009 a 2023. Isso porque corresponde ao período em que as

---

<sup>5</sup> AMORIM, Janaina Lopes de. **Das Margens ao Centro: Narrativas e Estratégias de Resistências das Mulheres Negras para Ocupar Espaço na Docência em Jornalismo** [Tese em andamento]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Universidade Federal do Pará, Belém.

<sup>6</sup> LIMA, Samuel Pantoja et al. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. 1 ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

pesquisas de gênero e comunicação tomam fôlego, motivadas pela ampliação da análise de gênero enquanto categoria e dos espaços de desenvolvimento nas pesquisas sobre a temática que ganharam amplitude somente nas últimas décadas (Tavares, Massuchin, Sousa, Silva, 2021). Uma leitura flutuante permitiu perceber que a maior parte da produção indexada é na área de educação e é voltada a professoras do ensino básico.

Na comunicação, apenas duas produções científicas foram encontradas, uma trata da narrativa das mulheres, tanto na docência quanto no mercado, e a outra do que as mulheres produzem na carreira acadêmica. Nenhuma das pesquisas mapeadas na área da comunicação trata das questões interseccionais, como as de raça, etnia ou território.

A escassez de publicações aponta para a necessidade ampliar as discussões sobre gênero e raça, dando mais visibilidade ao protagonismo feminino das mulheres negras, pardas e indígenas que atuam no ensino superior no Jornalismo, que por sua vez, é uma área fundamental para o funcionamento pleno da democracia. Demonstra, ainda, a importância da realização de estudos como este, que busca compreender os atravessamentos ou interações entre as múltiplas formas de subalternização como de raça, gênero, etnia, território e classe (Gonzalez, 1984; Davis, 2016; Crenshaw, 1991, Collins, Bilge, 2020), por meio de um levantamento socioeconômico das professoras que atuam na docência no jornalismo na Amazônia Oriental. Mostram a relevância de se discutir uma epistemologia feminista, já que, segundo Margareth Rago (2019, p 354) este é “o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico”, consequentemente, é nesta esfera que serão estabelecidas questões fundamentais nas pesquisas. Por isso, proposta deste estudo parte da urgência de se pensar em um projeto feminista de ciência que evidencie a existência, experiência histórica e cultural e saberes das mulheres das margens (Rago, 2019), reconhecendo o que elas tematizam (França, 2006).

São conceitos norteadores desse estudo o gênero e raça como construções sociais (Davis, 2016; Louro, 1997; Fanon, 2018), o reconhecimento das subjetividades e afetações no processo do fazer científico e saberes horizontalizados (Favret-Saada, 2008). Metodologicamente, a formulação das questões foi baseada na interseccionalidade das opressões, entendendo que mais que uma teoria, a interseccionalidade se constitui também como um caminho e como um meio de lidar e dar visibilidade às mais diversas marginalizações e diversidades dentro dos grupos sociais. Adotamos a ideia de "roleta

interseccional “pensada em prol do direcionamento das perguntas e da análise dos objetos de pesquisa em Comunicação. A vareta gira à procura do atravessamento relevante para o sujeito ou situação pesquisada. A cada momento da pesquisa, essa vareta deve ser acionada pelo pesquisador para que as categorias, se relevantes, sejam iluminadas” (Carrera, 2020, p. 5). Por isso, além da questão de gênero e raça, olhamos para questões como: diferenças socioeconômicas na trajetória, maternidade e responsabilidade financeira pelo sustento da família.

Para reunir os dados deste artigo, foi feito um levantamento exploratório das universidades públicas que ofertam o curso de jornalismo em toda a Amazônia Oriental, que abrange os estados do Pará, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso e Amapá. Em seguida, foram enviados formulários eletrônicos às 83 professoras que integram o quadro de docentes em jornalismo na região, destas 47 participaram da pesquisa, entre brancas e negras. Das 45 respostas, 26 não se consideram brancas, número que revela a importância de entender melhor a realidade de mulheres racializadas neste campo de atuação. Identificamos que há uma diferença entre brancas e negras, tanto em relação à quantidade de mulheres mães, quanto ao momento em que elas ingressam nessa condição. Entre as racializadas, 68% são mães e 58% delas tiveram filhos depois de ingressar na pós-graduação. Entre as brancas esses números são 45% e 30%, respectivamente. Outro dado é que 45% das brancas precisaram trabalhar durante todo percurso enquanto estudantes. Entre as racializadas esse número é de 62,5% e o número de negras responsáveis pelo sustento da família também é maior.

	<b>Branças</b>	<b>Racializadas</b>
Total de participantes	19	26
Mães	9	17
Tiveram filhos após ingressar na pós-graduação	6	15
Precisaram trabalhar durante a pós-graduação	9	16
Únicas responsáveis pelo sustento da família	0	3

Principais responsáveis pelo sustento da família	8	11
--	---	----

*Tabela 1: Perfil das docentes em jornalismo (Elaborado pelas autoras)*

Ainda é preciso investigar mais profundamente as violências, sobretudo as simbólicas, que marcam a trajetória desses profissionais, bem como entender as hierarquias e centralidades no fazer docente, já que a universidade é um campo social e, como tal, pode refletir estruturas mais gerais da sociedade. No entanto, esses números permitem entender diferenças no perfil das professoras que atuam no campo do jornalismo, principalmente no que diz respeito à responsabilidade financeira, já que elas precisam conciliar a vida estudantil com outras atividades profissionais, além de prover o sustento da família.

Entender os dados socioeconômicos é fundamental. Isso porque a contextualização é essencial para interpretar os significados relacionados às narrativas, proporcionar uma análise mais completa, precisa e sensível das experiências dessas mulheres racializadas na academia.

## REFERÊNCIAS

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *E-Compós*, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirme. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et ’Archives de l’Anthropologie*, 8, 1990.

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 61-88, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. p. 223-244.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: *Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos –*

SIPEQ, 2. ed., 2004. Anais II Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos, Universidade Sagrado Coração: Bauru, São Paulo. p. 1-14.

MORAES, Andrea, FARIAS, Patrícia Silveira. Na academia. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.